

MORTE A IDEOLOGIA DE GÊNERO

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2023.10.01.242-249>

*Augusto Henrique Lopes Costa¹
Ricardo Barreto Biriba²*

RESUMO: A origem dos trabalhos que compõem este ensaio visual é oriunda das andanças, visitas e estudos pelas Dunas localizadas ao lado da rua Mãe Stella de Oxóssi na cidade de Salvador na Bahia, são partes de mim e da pesquisa que venho desenvolvendo em processos de criação em performance nas urbanidades, utilizando-me da PaR (Prática como Pesquisa).

Palavras-chaves: Fotoperformance. Poéticas Visuais. Gênero.

DEATH TO GENDER IDEOLOGY

ABSTRACT: The origin of the works that make up this visual essay come from wanderings, visits and studies through the Dunes located next to Rua Mãe Stella de Oxóssi in the city of Salvador in Bahia, they are parts of me and the research that I have been developing in creation processes in performance in urbanities, using PaR (Practice as Research).

Keywords: Photoperformance; Visual Poetics; Gender.

MUERTE A LA IDEOLOGÍA DE GÉNERO

RESUMEN: El origen de las obras que componen este ensayo visual proviene de andanzas, visitas y estudios por las Dunas ubicadas junto a la Rua Mãe Stella de Oxóssi en la ciudad de Salvador en Bahía, son parte de mí y de la investigación que vengo desarrollando en procesos de creación en performance en urbanidades, utilizando PaR (Practice as Research).

Palabras-clave: Fotoperformance; Poética Visual; Género.

¹ Augusto Henrique Lopes Costa, 1993, Coronel Fabriciano - MG (BRASIL) é artista interlinguagens, pesquisador e professor. Cursou Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design e Licenciatura em Artes Visuais pela UFJF (2014-19), Especialização em Ensino de Artes Visuais pela UFMG (2018-20) e atualmente desenvolve pesquisa no Mestrado em Artes Visuais da UFBA (2021-23). Sua obra possui repertório em objetos, fotoperformance, vídeo performance, performance ao vivo e em telepresença, instalações, crônicas, ensaios textuais e visuais e artigos científicos. E-mail: augusto.henriquec@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7923-7868> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4806578157044832>

² Ricardo Barreto Biriba é Professor Associado IV da Escola de Belas Artes UFBA, atuando nas áreas de Escultura de Comportamento na Formação de Artistas, Designers, Decoradores e Professores. É coordenador do Curso de Especialização em Arte Educação: Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas e curador da Mostra de Performance Negríndios. E-mail: biribabahia@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2074-8708> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6025062637469415>



Figura 1, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023



Figura 2, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023



Figura 3, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023



Figura 4, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023



Figura 5, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023



Figura 6, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023

INSTAURANDO PORTAIS

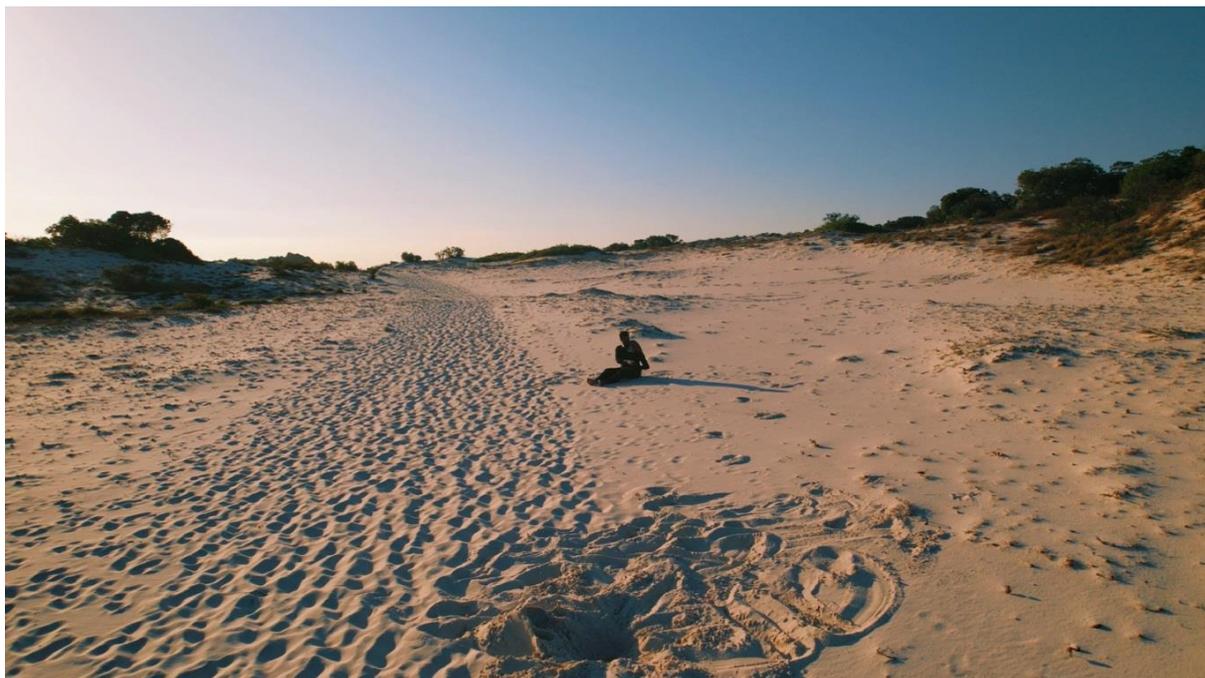


Figura 7, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023

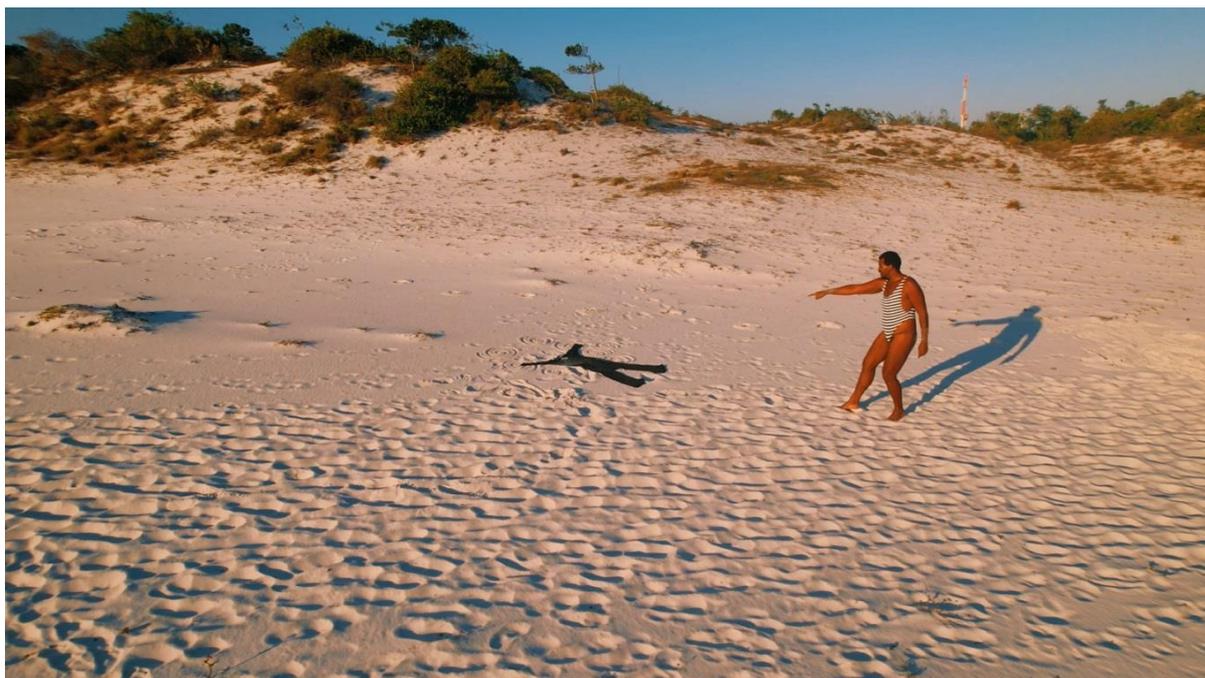


Figura 8, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023

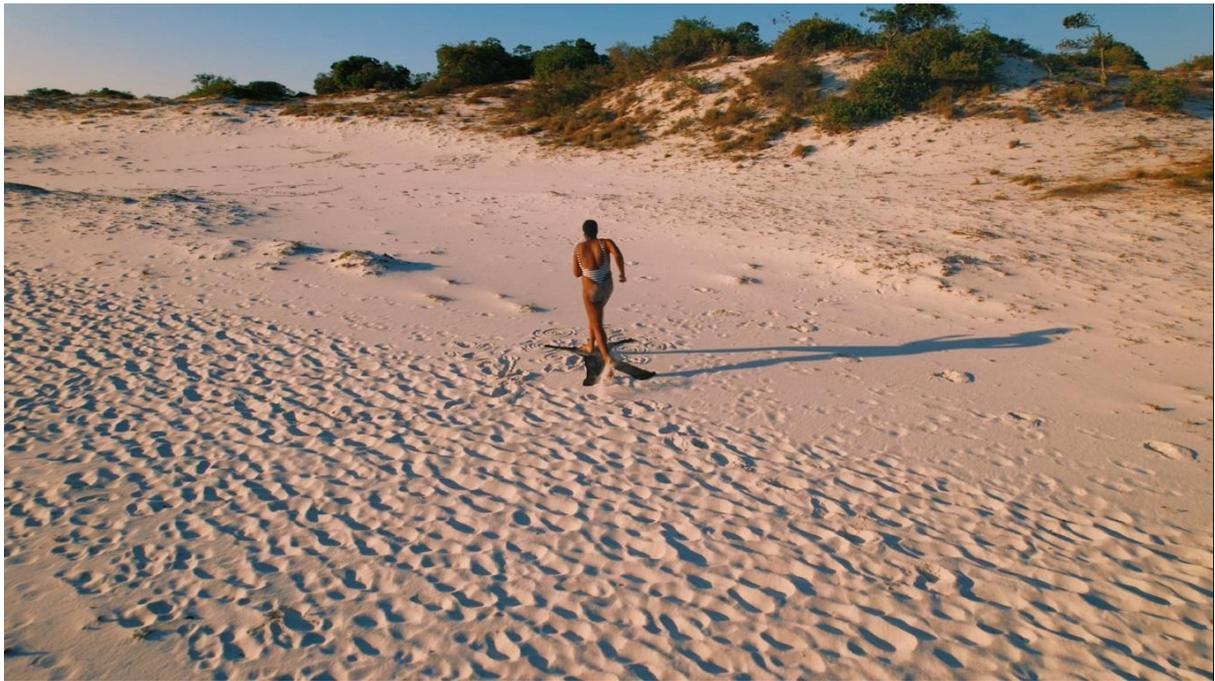


Figura 9, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023



Figura 10, Augusto Henrique Lopes Costa, Imagem Digital de PaR. 2023

Este ensaio visual parte do pressuposto do enterro da fajuta articulação da “ideologia de gênero” no Brasil de Temer e Bolsonaro, os responsáveis pela execução do avanço no reconhecimento da igualdade, equidade e pluralidade de gênero em nosso país. Como se ousou criar dispositivos legais que aplicassem pena para professores e professoras com o compromisso de discutir a diversidade sexual e de gênero nas escolas (algo previsto na Constituição Federal)?

Nos governos dos responsáveis citados anteriormente, aconteceu a marginalização daqueles e daquelas que não compactuam com a heteronorma e o desrespeito a liberdade cátedra dos/das profissionais da educação. Assim, percebo, em se tratando das lutas pela igualdade nessa louca história do mundo que:

O problema dos discursos modernos pró igualdade é o fato de que, quando reivindicada, a igualdade pressupõe uma origem comum - pavimentada com a ideia branco-patriarcal e cristã de Deus e de sujeito/subjetividade como dogmas. E mais, quando o discurso da igualdade é reivindicado estrategicamente pela supremacia branca, pois de fato não é a ideia de igualdade que lhe permite prosperar, mas o ato de reescrever a origem das vidas, sob seus aspectos ontológicos, fundamentando-os na reescritura da nossa diferença intraespecífica a partir da racialização. A sentença ‘somos todos iguais’ distorce memórias planetárias e as reescreve sob os aspectos ocidentais formulados pelas linguagens, ideias de justiça, sistemas financeiros e pelos fundamentalismos cristãos (os quais, por sua vez, perpetuam-se com a evangelização, digo, conversão forçada à uma certa explicação sobre a origem da vida no universo). (Brasileiro, 2022, 40-41)

Veja, o gênero é a morte de ser. Ser isso, ser aquilo numa sociedade problemática, onde a desigualdade de gênero é hostil e violenta. O gênero mata a possibilidade ser isso ou aquilo. Quem aí consegue dizer o que é/ou o que é você? Seres terráqueos, vamos compreender que é preciso deixar-se viver plenamente o transmutar da vida, cada um no seu quadrado, mas se percebendo dentro de um quadrado (que na verdade é um círculo), muito maior.

Deixem cuidar da educação de nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos, quem está de fato no chão da escola cotidianamente tendo que lidar com a árdua tarefa de educar seres que provisoriamente, estão em fase de definição de si próprio, mas será que isso é de fato urgente e necessário? Hoje, se não me defino masculino ou feminino, sou, não binário. Me diz, pra quê procurar lucidez em identidade e gênero, tendo em vista sua transitoriedade e contingência?

Felipa da Costa passou 45 anos da vida definindo-se mulher, mas o conheci se definindo homem numa turma aqui do EJA na Bahia, ou seja, me parece que carregamos diferentes identidades dentro de si ao longo desta longa estrada da vida, elas não precisam necessariamente serem consideradas “transtornosas”, muito menos terem pacto com a cisnormatividade. Como professor, me é sempre um desafio compreender e compartilhar ideias de que identidade, gênero e sexualidade são demandas auto perceptivas, que se relacionam sim com os fatores externos, mas não se fixam a eles.

Ser diferente na igualdade, eis uma questão. Gênero não é uma categoria corporal e sim sociocultural.

Elas não vão morrer porque em Kalunga são eternas.

(*Eu Não Vou Morrer*. Ventura Profana. 2020)

REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude** / Castiel Vitorino Brasileiro; ilustrado por Waldomiro Mugrelise. - São Paulo: n-1 edições; Editora Hedra, 2022. 112 p.: il.; 11 cm x 18 cm. - (Coleção Lampejos). ISBN: 978-65-86941-90-6

DA ROCHA, José Carlos. **Reflexões sobre experiências do ensino de artes visuais com adolescentes em conflito com a Lei**. Art&Sensorium - Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais, Curitiba, v.7, n.1, p. 001-015, jun. 2020.

PROFANA, Ventura. **EU NÃO VOU MORRER**, YouTube, 22 mai. 2020. Álbum: Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor, 2020. Disponível em <<https://youtu.be/MWZPd5EcJO8>> Acesso em 26 mar. 2023.